

Claudia Musa Fay | Helen Rotta (Orgs.)

TECENDO NARRATIVAS

Metodologias em estudos
de gênero e migrações



Com o objetivo de romper, por um lado, com a homogeneidade de narrativas, e por outro, de metodologias, o presente trabalho busca propor reflexões acerca de diferentes abordagens, tanto de mulheres distintas como do uso de metodologias variadas, transitando entre a fotografia, arquivos, jornais e revistas e reconstrução normativa. Longe de ter a pretensão de encerrar a discussão, o propósito é justamente o contrário, de alargar as perspectivas, ampliando não somente o repertório metodológico que pode ser utilizado em estudos de migração e gênero, como também trazendo estudos de casos e comunidades que possam oferecer exemplos de como utilizar determinadas metodologias de forma coerente e, ao mesmo tempo, possibilitando um olhar mais atento e cuidadoso para as narrativas que surgirão dentro desses objetos de estudo. Reunindo cinco artigos, este livro conta com o trabalho de cinco pesquisadoras, além das duas organizadoras. São trabalhos de pesquisas que se desenvolvem no centro de debates mais atuais da academia, utilizando-se de teorias da subalternidade, decoloniais, teoria crítica, metodologia e usos de imagens e de oralidade. Neste livro, o leitor e a leitora encontrarão, além de possibilidades de fontes e pesquisas com encaminhamentos sólidos, referências teóricas atualizadas para refletir sobre os processos de migração, tanto no aspecto mais histórico, em tempos mais distantes, quanto nos fenômenos das migrações presentes. Essa característica é, aliás, um dos grandes presentes dentro dos estudos migratórios, a confluência de tempos, a possibilidade do levantamento de questões múltiplas acerca de um mesmo fenômeno, mas que se desenvolve de formas distintas em tempos e espaços diferentes. E que, além disso, se mostra aberto a novas contingências constantemente, pois as dinâmicas dos grupos se alteram o tempo todo, remodulando antigas formas de análise e propondo que novas estratégias de reflexão sejam escolhidas cuidadosamente para possibilitar que essas narrativas sejam contadas com a maior cientificidade e o maior cuidado afetivo possível.



Tecendo Narrativas



Comitê Editorial

CAROLINE TECCHIO

Doutoranda em História, Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR

DANIELE BROCARDO

Doutoranda em História, Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR

DOUGLAS SOUZA ANGELI

Doutorando em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

EVERTON FERNANDO PIMENTA

Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

GUILHERME FRANCO DE ANDRADE

Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

LEANDRO DE ARAÚJO CRESTANI

Doutorando em História, Universidade de Évora, Évora (Portugal)

LUIS CARLOS DOS PASSOS MARTINS

Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

LUIZ ALBERTO GRIJÓ

Doutor em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL GANSTER

Mestre em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL HANSEN QUINSANI

Doutor em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL SARAIVA LAPUENTE

Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

TIAGO ARCANJO ORBEN

Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

VINÍCIUS AURÉLIO LIEBEL

Doutor em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ

Tecendo Narrativas

Metodologias em Estudos de Gênero e Migrações

Organizadora
Claudia Musa Fay
Helen Rotta



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Bruna Dali

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FAY, Claudia Musa; ROTTA, Helen (Orgs.)

Tecendo Narrativas: Metodologias em Estudos de Gênero e Migrações [recurso eletrônico] / Claudia Musa Fay; Helen Rotta (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

162 p.

ISBN - 978-65-5917-228-3

DOI - 10.22350/9786559172283

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Narrativas; 2. Gênero; 3. Migrações; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

Apresentação

Tecendo narrativas: Metodologias em Estudos de Gênero e Migrações

*Claudia Musa Fay
Helen Rotta*

A mobilidade humana é uma característica do momento em que vivemos. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, o número de migrantes tem crescido, provocando uma crise política e humanitária agravada nos últimos anos pela pandemia que enfrentamos. Recentemente, em maio de 2021, assistimos cenas na fronteira do México com os Estados Unidos em que muitas crianças separadas dos pais tentavam chegar a pé aos Estados Unidos¹.

Dentro da pesquisa acadêmica, quando o assunto abordado são os referenciais metodológicos a respeito de processos de migração, o tema ganha algum caráter de inquietação. Os motivos são os mais diversos e podem variar entre pouca preocupação teórica, que pode ser encontrada nas abordagens mais tradicionais, e traduções e explicações fantasiosas que se organizam a partir de tentativas disruptivas, mas que encontram seus limites em graves problemáticas de caráter metodológico. De qualquer forma, parece haver a necessidade de reavaliação ou, pelo menos, de novos enfoques e abordagens para a questão. A situação se torna ainda mais preocupante quando o recorte dessas abordagens se localiza nos estudos de gênero.

¹ Recentemente o Programa Fantástico mostrou, em 23 de maio de 2021, flagrantes da onda recorde de imigração ilegal na fronteira do México com Estados Unidos, uma crise humanitária em que muitas crianças e adolescentes viajam sem os pais para tentar entrar no território americano. Disponível em : <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/05/23/fantastico-mostra-flagrantes-da-onda-recorde-de-imigracao-ilegal-na-fronteira-do-mexico-com-os-eua.ghtml>.

Quando se fala aqui em novos enfoques e abordagens, é preciso ressaltar que existem diversos trabalhos que merecem atenção, principalmente pela sua preocupação não somente com a fonte mas, sobretudo, com a forma como essa fonte conta uma história por si mesma, sem necessariamente o historiador ou historiadora em questão precisar de uma grande esforço tradutório. Em outras palavras, a fonte conta a sua história e é passível, é claro, de interpretações, mas estas interpretações também devem ser avaliadas na sua pertinência, uma vez que podem ser muito tendenciosas e criar uma narrativa inexistente, tanto em termos de hipervalorização de determinados grupos como também no empobrecimento e apagamento de opressões e histórias mais precarizadas. Em tempos de negacionismo histórico, é preciso refletir sobre a maneira com que as interpretações dos fatos são elaboradas de maneira mais ou menos profunda e, na mesma proporção, a ética discursiva que se emprega na edificação de um problema histórico. E é preciso lembrar também que, como apontava Hannah Arendt², a manipulação discursiva e a imposição de determinadas estruturas de pensamento estão presentes, tanto nas abordagens de direita como nas de esquerda também.

Entre abordagens pouco ou nada comprometidas, leituras ortodoxas de fontes e traduções narrativas, é importante refletir sobre esses aspectos quando se fala de trânsitos migratórios, porque a história que será tratada é de uma pessoa em transições e construções. Arendt atribuía o lugar de um migrante a um “não lugar”. Então, em que medida a história de uma pessoa deslocada, sem um lugar fixo ou transitante, pode ser contada? De que maneira essa história pode ser interpretada, entendida ou mesmo “montada” aos olhos de quem lê? Se a interpretação é feita na tentativa de

² ARENDT, Hannah. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Dumaré, 1995.

qualquer enquadramento previamente estabelecido, a situação se torna bastante nebulosa e provavelmente a narrativa será aquela que Stuart Hall tanto criticaria: a modulação através de uma pretensa “tradução” de uma história que é real, a história pintada com um verniz que mostra aquilo que pesquisadores querem mostrar. No entanto, se a aproximação tem por base uma leitura teórica do problema, buscando uma metodologia que permita a criação de espaços de vida e dinâmica para a narrativa que pode surgir – inclusive contrapondo hipóteses anteriormente levantadas –, as chances dessa história ser realmente colocada à disposição para leitores e leitoras é muito maior.

Como apontava Gayatri Spivak³, o agenciamento social, ou seja, a possibilidade de agência, de ação e fala na sociedade deve ser estruturada de maneira que esse sujeito, grupos ou comunidades possam expressar as suas vivências e experiências. Essa expressão não deve ser intermediada por um intelectual, organização ou instituição que é visto como apto a falar sobre aquela comunidade, mas sim, que ela ocorra fluidamente e seja possível por uma estrutura social aberta e ampla que viabilize as diferentes agências sociais. A crítica que Spivak apresenta, utilizando em seu livro o exemplo das mulheres indianas, pode ser entendida como um apontamento agudo e preciso em relação ao trabalho de intelectuais, sobretudo do Ocidente, que adquirem como prática uma espécie de codificação de opressões, estabelecendo o que é opressão, quem são oprimidos, porque são oprimidos e, principalmente, o que vale a pena ser contado dessa minoria, deste grupo ou desta comunidade específica. Assim, muitos aspectos das histórias das minorias ficam no caminho dessa triagem, deixando de lado, muitas vezes, sentidos, emoções, visualidades

³ SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

e expressões que compõem de maneira fundamental a trajetória desses sujeitos.

Assim como Spivak, Maria Lugones também aponta a importância das sujeitificações ativas, ou, em outras palavras, a ação dos sujeitos na sociedade. O conceito da filósofa argentina é fulcral para a percepção política de quem tem a autorização de fala, ou seja: quem tem propriedade para falar e quem tem propriedade para contar histórias? Para Lugones, as narrativas são edificadas de maneira política e cumprindo interesses de uma sociedade moderna marcada pelo componente da colonialidade, que vai muito além de uma relação entre colonizador-colonizado e se localiza mais especificamente no centro de relações de poder, micro e macro. Essas relações estão dispostas, como em uma moldura, naquilo que Peter Gay⁴ aponta como um mosaico de distinções sociais estruturado, especialmente, por diferenciações de poder. Dentro dessa estrutura, é inevitável: uns falam e outros traduzem. Nesse sentido, a viabilidade de ter autonomia, de construir direitos e possibilidades de reconhecimento social⁵ e, desta forma, erguer-se como uma agente social com oportunidade de ação e fala – o que configura, para Hannah Arendt, a edificação de si e da ação política – torna-se cada vez mais suprimida por essa estrutura já construída de poderes e consentimentos.

E é por esse motivo que Spivak, ao final de seu livro, declara que o subalterno e a subalterna não podem falar, porque seu direito de fala está submetido a autorizações e permissões diversas que são tecidas cuidadosa e rigorosamente dentro dessa estrutura de poder.

A narrativa das mulheres em trânsito migratório está submetida, nesse sentido, a uma forte condição de aprovação de fala. A sua autenticidade, ou o nível de validação da sua história, esteve e ainda está

⁴ GAY, Paul du; EVANS, Jessica; REDMAN, Peter. **Identity**: a reader. London: Sage Publications, 2000.

⁵ HONNETH, Axel. Luta por reconhecimento. São Paulo: Editora 34, 2009.

constantemente submetido aos interesses carregados dentro da sua própria trajetória. Quem migra é uma mulher ocidental? Branca? De qual comunidade étnica ou religiosa ela vem? Qual a sua intencionalidade ao chegar no Brasil? É do Leste Europeu? Do Oriente Médio? É judia, muçulmana, católica, atea...? Tudo é relativo a partir do momento em que o trânsito migratório se abre como uma fenda, pois é uma infinidade de possibilidades que se gestam dentro desse processo aberto, inconcluso e constante. Essas possibilidades difusas e variadas não agradam as tentativas de enquadramento teórico e metodológico, que tem como característica a rigidez, a homogeneidade. O “não lugar” de Arendt se coloca como o duvidoso, desconfiado e, aliado ao marcador de gênero, se intensifica ainda mais.

Com o objetivo de romper, por um lado, com a homogeneidade de narrativas, e por outro, de metodologias, o presente trabalho busca propor reflexões acerca de diferentes abordagens, tanto de mulheres distintas como do uso de metodologias variadas, transitando entre a fotografia, arquivos, jornais e revistas e reconstrução normativa. Longe de ter a pretensão de encerrar a discussão, o propósito é justamente o contrário, de alargar as perspectivas, ampliando não somente o repertório metodológico que pode ser utilizado em estudos de migração e gênero, como também trazendo estudos de casos e comunidades que possam oferecer exemplos de como utilizar determinadas metodologias de forma coerente e, ao mesmo tempo, possibilitando um olhar mais atento e cuidadoso para as narrativas que surgirão dentro desses objetos de estudo. Reunindo cinco artigos, este livro conta com o trabalho de cinco pesquisadoras, além das duas organizadoras. São trabalhos de pesquisas que se desenvolvem no centro de debates mais atuais da academia, utilizando-se de teorias da subalternidade, decoloniais, teoria crítica, metodologia e usos de imagens e de oralidade.

No primeiro artigo do livro, intitulado “Arquivos, gênero e silenciamentos: uma análise das permanências árabe-palestinas no Rio Grande do Sul em arquivos institucionais na segunda metade do século XX”, a pesquisadora Caroline Atencio Medeiros Nunes desenvolve um cuidadoso trabalho de investigação acerca da presença palestina no Brasil, a partir do Rio Grande do Sul. Sua análise se desenvolve atravessada por duas estruturas de estigma: por um lado, aponta que há uma constante tentativa em reforçar, no meio acadêmico, que não existe documentação para a investigação de grupos árabe-palestinos e que, neste sentido, a pesquisa estaria sempre submetida à pouca qualidade teórico-metodológica, uma vez que as fontes seriam restritas; e por outro lado, a consequência desta postura pouco investigativa em relação à comunidade árabe-palestina tem como desdobramento o componente do silenciamento, devido à falta de trabalhos comprometidos em mapear as fontes, falar sobre este grupo e, por conseguinte, desnudar as possibilidades de narrativas que já existem. Com este capítulo, é possível tomar conhecimento não apenas de um conjunto de fontes disponíveis acerca da comunidade árabe-palestina especificamente, mas, sobretudo, entrar em contato com esta vasta possibilidade de pesquisas dentro do campo teórico da história das migrações de grupos árabes e da região do Oriente Médio para o Brasil. Além disso, trata-se de um capítulo riquíssimo na elaboração teórica de um dos temas mais áridos dentro do feminismo, que é o do feminismo árabe e do feminismo islâmico. Amplia-se, nesse sentido, o debate acerca da presença das subalternidades e dos processos de decolonialidade, com destaque para estudos metodologicamente amparados em comunidade do Sul global, que se tornaram famosas no meio acadêmico, mas que ainda apresentam um déficit metodológico de análise.

No segundo capítulo, intitulado “À procura da imagem: pluralidades do olhar de Stefania Bril para os frequentadores das urbes de Campos do Jordão e São Paulo”, a historiadora Maria Clara Hallal explora a potencialidade dos olhares de mulheres imigrantes. Amparada no estudo de caso da fotógrafa e migrante judaica Stefania Bril, Maria Clara investiga a mudança de vida e de visão de mundo pela qual uma mulher está submetida quando decide viajar pelo processo do trânsito migratório. Stefania Bril era química e, na década de 1960, após sua chegada no Brasil, inicia uma nova etapa de suas experiências: estudos sobre a fotografia. Muito mais do que uma análise de trajetória ou biográfica, a proposta de análise deste trabalho se centra na possibilidade do olhar migrante. Na potência da construção dessa visão de mundo e as formas que ela adquire ao tentar ser mostrada para o mundo, ao tentar encontrar o seu lugar de adequação dentro dessa nova sociedade, estranha, mas, ao mesmo tempo, agora parte do lar dessa mulher. Os retratos de Bril mostravam a visualidade de São Paulo aos seus olhos, de forma cotidiana, porém crítica, edificando aquilo que ela mesma entendia como significante na dinâmica da cidade e no desenvolvimento dos aspectos sociais. Uma das marcas de suas fotografias são os olhares plurais construídos acerca daqueles que ela identificava como atores e atrizes do cenário urbano, o que demonstra a potencialidade do olhar migrante para perceber a diferença dentro da normalidade, do corriqueiro. A construção da visualidade trazida por Maria Clara Hallal, através dos olhares de Stefania Bril, possibilita, por um lado, a utilização de metodologias e usos de imagens, e por outro, a reflexão, dentro de referências teórico-metodológicas consistentes sobre o tema, da narrativa que a mulher migrante constrói, uma vez que a fotografia é a denúncia do olhar naquele instante.

O terceiro capítulo oferece ao leitor e leitora uma abordagem teórico-metodológica de grande relevância nas discussões atuais sobre migrações

contemporâneas, trazendo a importância da teoria crítica para o centro dos debates nos estudos de trânsitos humanos. A socióloga Lara Sosa Márquez demonstra, através de perspectivas cruzadas entre tempo e contexto, que a migração de mulheres não é um fenômeno propriamente atual e que, dada a sua invisibilidade histórica, é necessário retomar os sentidos, características e elaborações mais amplas desse processo crescente. Utilizando-se do termo generificação da migração, Lara propõe uma ruptura de categorias e estabelece uma discussão mais ampla dos sentidos das migrações dentro do componente de gênero. A partir dessa premissa, emprega o uso da reconstrução normativa como estratégia metodológica, buscando o aprofundamento das características das mulheres migrantes, bem como dos processos que marcam e condicionam a migração gendrificada. A observação da migração como desenvolvimento, ou seja, como acontecimento contínuo, é proposta como uma reflexão sobre a partida, o trânsito e a chegada, analisando e tensionando aquilo que na teoria crítica é nomeado como “mundo da vida” ou seja, a superfície de contato e de realidade em que essas mulheres migrantes estão submetidas, uma vez que chegam ao lugar de destino. O desenvolvimento dessas vidas será observado em suas particularidades e potencialidades, com vistas em processos de práticas cotidianas e reais para analisar o macroprocesso do trânsito de mulheres.

No quarto capítulo, encontramos uma análise através dos periódicos do período, especialmente o *Jornal das Moças*, da mulher imigrante como motivo de humor. A mestrandia Augusta Schutz explora, especificamente, a sessão *Traças e Traços* para demonstrar de que maneira o imigrante era retratado em piadas e através do humor, como uma forma de divertimento para a elite das moças no Brasil, na década de 1950. Pelo seu caráter cotidiano e corriqueiro, os periódicos se apresentam como um elemento extremamente profícuo para a análise do contexto político de uma época.

Sua característica cultural e simplória pode revelar recursos e dinâmicas de um contexto mais amplo no campo político, do qual muitas vezes documentos oficiais e outras fontes mais tradicionais não mostram. Com isso, através desta perspectiva, o artigo “O estereótipo dos imigrantes na Revista *Jornal das Moças*: a piada como um meio educador” procura inferir sobre a maneira como o *Jornal das Moças* interferiu na visão das mulheres sobre as próprias imigrantes mulheres, uma vez que um dos principais objetivos deste periódico era o de educar as moças da época para os bons costumes, regras sociais e de conduta e, sobretudo, moralidades edificadas e aceitas para a época. Nessa perspectiva, além do marcador de opressão de gênero, é possível identificar, no mesmo sentido, o reforço do estigma social construído na visualidade do imigrante e que nesta parte do jornal é oferecido para as leitoras através do humor. Augusta nos convida a refletir sobre como o humor pode ser educador e mantenedor de preconceitos circulantes na sociedade, através da sutileza das *charges* e piadas entregues às leitoras do *Jornal das Moças* na década de 1950.

Finalizando este livro, o capítulo de Giselle Hirtz Perna e Claudia Musa Fay, intitulado “Migrações contemporâneas: o deslocamento de mulheres venezuelanas”, oferece parte dos resultados preliminares de um projeto de pesquisa mais amplo e profundo, contando com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), um estudo do aumento das migrações contemporâneas, tendo como foco as mulheres venezuelanas na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O objetivo deste capítulo, especialmente, é compreender de que maneira se constituem as mulheres venezuelanas, tanto no aspecto do trânsito como na sua chegada, uma vez que o caráter migratório destas acompanha o marcador da miséria e da fome como principal fator de movimentação. O mergulho das duas pesquisadoras se concentra fortemente nos estudos decoloniais, abordando autoras-

referência como Maria Lugones e Gloria Anzadúa. Uma referência interessante para compor esse livro, o artigo trabalha com o processo de edificação dessas mulheres como sujeitos no Brasil, atravessadas pelos processos de racialização e gentrificação, uma vez que, no Brasil, são vistas como corpos deslocados, corpos indígenas e de cor. A observação desses processos, somados ao componente do deslocamento que essas mulheres sofrem, caracteriza um agravamento de suas vulnerabilidades, uma vez que o seu reconhecimento social é interpelado por múltiplos aspectos somados ao marcador de gênero.

Assim, buscou-se uma diversidade de abordagens para compor o mosaico múltiplo e diverso de possibilidades que existem dentro dos estudos acerca das migrações. Não raro, esses estudos concentram-se muito, especialmente no Brasil, em comunidades mais consolidadas tradicionalmente, como as pesquisas sobre os alemães e os italianos. No entanto, mesmo dentro desses estudos, ainda é possível identificar uma certa carência de bibliografias e trabalhos que aprofundem os marcadores e diferenciações de gênero dentro dessas comunidades.

Neste livro, o leitor e a leitora encontrarão, além de possibilidades de fontes e pesquisas com encaminhamentos sólidos, referências teóricas atualizadas para refletir sobre os processos de migração, tanto no aspecto mais histórico, em tempos mais distantes, quanto nos fenômenos das migrações presentes. Essa característica é, aliás, um dos grandes presentes dentro dos estudos migratórios, a confluência de tempos, a possibilidade do levantamento de questões múltiplas acerca de um mesmo fenômeno, mas que se desenvolve de formas distintas em tempos e espaços diferentes. E que, além disso, se mostra aberto a novas contingências constantemente, pois as dinâmicas dos grupos se alteram o tempo todo, remodulando antigas formas de análise e propondo que novas estratégias de reflexão sejam escolhidas cuidadosamente para possibilitar que essas

narrativas sejam contadas com a maior cientificidade e o maior cuidado afetivo possível.

Ao finalizar, agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao CNPq pelo apoio e financiamento das bolsas dos pesquisadores, permitindo que nossas pesquisas sobre o tema das migrações contemporâneas tenham continuidade.

Referências

ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Dumaré, 1995.

GAY, Paul du; EVANS, Jessica; REDMAN, Peter. **Identity: a reader**. London: Sage Publications, 2000.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2011.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, DF, n. 24, p. 68-75,1996.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.